

## 8. O fundo da esperança

Quando Jesus foi crucificado, ao seu redor se desenrolou uma cena que reproduziu a escolha original à qual a liberdade é chamada, entre a pretensão de tomar para si o fruto da árvore da vida e a de esperar que ele seja dado. É a cena dos dois ladrões descrita por Lucas:

“Um dos malfeitores, ali crucificados, blasfemava contra ele: ‘Se és o Cristo, salva-te a ti mesmo e salva-nos a nós!’. Mas o outro o repreendeu: ‘Nem sequer temes a Deus, tu que sofres no mesmo suplício? Para nós isto é justo: recebemos o que mereceram os nossos crimes, mas este não fez mal algum’. E acrescentou: ‘Jesus, lembra-te de mim, quando tiveres entrado no teu Reino!’. Jesus respondeu-lhe: ‘Em verdade te digo: hoje estarás comigo no paraíso’” (Lc 23, 39-43).

O ladrão que insulta Jesus é a figura do homem que quer tomar para si aquilo que Deus dá sem medida. Ele é no fundo como Lúcifer que, anjo criado para ser transparente à luz e ao amor de Deus, querendo ser ele próprio a fonte dessa luz e desse amor, cai nas trevas da inveja e do ódio. O bom ladrão, por outro lado, não quer se apoderar de nada, não estica a mão ao Fruto da vida e da verdadeira sabedoria que pende maduro da árvore da Cruz. Ele o deseja, tem uma necessidade vital dele e mendiga por sua oferta, sem impor nem tempo nem maneira. Ele se confia totalmente ao Rei do amor. E, nesse momento, Jesus, Verbo eterno de Deus, é como se se recordasse de quando originalmente foi procurar Adão no paraíso terrestre sem encontrar acolhida. No ladrão arrependido, é como se Deus reencontrasse Adão, e então o abraça e o leva consigo para o Paraíso.

Quando confundimos a esperança com as expectativas imediatas, o verdadeiro problema não é a natureza limitada dessas expectativas, porque elas geralmente dizem respeito a necessidades simplesmente necessárias à nossa vida humana. É justo e vital ter apetite e sede pelo alimento e pela bebida que nos permitem viver e, mais ainda, desejar os afetos e as amizades que tornam humana a nossa existência.

O problema é quando as expectativas suplantam a esperança em Deus, quando as aspirações imediatas preenchem todo o espaço do desejo do coração, da nossa necessidade, e então a esperança não nos é mais necessária. Mas isso significa que Deus não é mais necessário. As expectativas podem ser direcionadas a mim mesmo, aos outros, enfim, às nossas próprias forças, ao que já temos ou ao que os outros têm. A esperança é essencialmente voltada para Deus, para aquilo que somente Deus pode nos dar. E vimos na escola de São Bento, que é a escola da tradição bíblica e cristã, que o ser humano é feito para esperar de Deus duas coisas essenciais: a vida e a felicidade, ou, se preferirem, a vida feliz, a vida eterna que, por si só, nos assegura uma felicidade eterna.

Mas onde, em que condição, em qual experiência, a esperança se revela como absolutamente necessária? É importante estarmos cientes disso, porque é assim que descobrimos a que profundidade Cristo desce para salvar a humanidade.

São Paulo escreve aos Efésios: “Ora, que quer dizer ele subiu, senão que antes havia descido a esta terra? Aquele que desceu é também o que subiu acima de todos os céus, para encher todas as coisas” (Ef 4,9-10).

Se Cristo não tivesse descido, pouco nos serviria a sua ascensão, o fato de ele ser a plenitude de todas as coisas. Mas é exatamente sua descida, seu abaixamento, que o permitem ser a plenitude de todas as coisas, até mesmo da condição humana caída no pecado e na morte que Ele veio reerguer.

Até onde desce Cristo para buscar o homem? A fé professada no Credo nos ensina que ele desceu aos infernos. Ele desceu para buscar Adão, mas em Adão somos convidados a reconhecer toda a condição humana após o pecado. Se não fosse assim, a descida de Cristo aos infernos não nos daria respeito. Mas Cristo desceu até Adão, até nossa condição humana, para buscá-la não apenas onde ela se esconde, como Adão e Eva entre os arbustos do jardim, mas onde a humanidade, escondendo-se de Deus, sente-se desesperadamente abandonada.

Para captar a importância e profundidade da esperança cristã, é então necessário considerar com verdade nossa experiência do abandono. De fato, muitas vezes pensamos que a esperança em nós seja algo dado como certo, que seja óbvio e fácil ter esperança. Muitas vezes não queremos admitir que estamos desesperados, que certas situações pessoais e comunitárias são desesperadoras. Trata-se no fundo de uma atitude farisaica, que se refugia em afirmações voluntaristas de esperança para não fraquejar diante de nossas convicções religiosas e morais. Como se para nós, cristãos, e sobretudo nós, religiosos, monges e monjas, padres ou leigos comprometidos, a esperança fosse um dever profissional, incluído em nosso “contrato de trabalho”. Um médico idoso a quem eu perguntava como estava sua saúde sempre me respondia: “Eu digo que estou bem para não ofender minha categoria!”

O problema é que frequentemente as convicções que afirmamos não se apoiam mais na experiência, na realidade, mas em si mesmas. Por isso, mesmo ao defendê-las, já que não há nada para fundamentá-las, transformam-se elas mesmas em argumento pelo qual crer e agir, pelo qual lutar, talvez até ao fanatismo. O fanatismo é uma luta na qual não se combate mais em defesa ou para afirmar uma realidade, a verdade de uma realidade, mas para defender e afirmar as armas com as quais se combate por ela. Como as guerras de hoje, que nos últimos tempos não são travadas senão para promover e defender o comércio e o uso das armas. Combate-se pelas armas em si, faz-se guerra pela guerra.

Para reconhecer que na realidade nos falta esperança, que no fundo estamos desesperados, é então necessário aceitar sermos desarmados, desarmados de nossas falsas esperanças, das falsas promessas sobre as quais nos apoiamos e das falsas convicções que afirmamos.